

Crise coloca em xeque modelo baseado em exportação

Mais de 47% do produto interno bruto alemão em 2008 foi obtido com vendas ao mercado mundial



Reconstrução transformou Berlim em referência de arquitetura; cidade pode ser

Em outros tempos, o Brasil torcia para a Alemanha sair da recessão para vender mais matérias-primas. Agora é a Alemanha que precisa do crescimento dos países emergentes para exportar máquinas. A crise financeira global mudou paradigmas. Os países emergentes estão se recuperando mais rápido do que os industrializados. No caso da Alemanha, principal economia da zona do euro, o melhor desempenho dos emergentes, entre eles o Brasil, está contribuindo para a recuperação de suas exportações, que registraram queda de 22,3% entre julho de 2008 e julho deste ano.

O modelo da economia alemã, fortemente baseado em expor-

tações - mais de 47% do PIB em 2008, em relação a menos de 20% no Japão e 13% nos Estados Unidos -, está em xeque. Mas não há alternativa viável em como estimular o consumo doméstico para depender menos das exportações e reduzir, assim, sua vulnerabilidade às crises internacionais.

Difícilmente a Alemanha conseguiria fazer essa mudança de rota. A principal vantagem comparativa do país é produzir bens intensivos em tecnologia que precisam de um mercado global, e não apenas de 82 milhões de consumidores. E senso comum que não se pode colocar uma usina geradora de eletricidade, um dos principais itens da pauta de exportação da Ale-

manha, em um supermercado. "O mercado interno alemão é pequeno em relação aos países maiores. Isso obriga a Alemanha a manter exportações em nível elevado. O desafio é se manter no topo da lista de produtos intensivos em tecnologia", argumenta Weber Porto, presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha.

Em 2008, o país exportou para França, EUA, Reino Unido, Holanda, Itália, Áustria, Bélgica, Espanha e Polônia quase US\$ 1,5 trilhão em máquinas, veículos, produtos químicos, metais, alimentos e têxteis. A pauta de importações, composta também de quase todos esses itens, resultou em US\$ 1,23 trilhão. Os principais fornecedores são Holan-



contemplada a partir do domo de vidro do edifício do Parlamento

da, França, Bélgica, China, Itália, Reino Unido, Áustria, Rússia e EUA. Em 2009, o volume de exportações deverá ser 18% inferior ao de 2008, estima a Federação Alemã de Comércio Exterior (BGA).

A Alemanha é considerada a China da Europa. Como os chineses, os alemães exportam muito e poupam bastante também. Ambos disputam a liderança mundial de exportações. Nessa corrida, desde agosto deste ano a China passou a Alemanha. Mas é preciso analisar o conteúdo das vendas de cada uma, compara Porto: "A Alemanha exporta tecnologia. A China, dentro do seu pacote de exportações, tem produtos de baixo valor agregado".

O início do segundo semestre trouxe boas notícias. "Passou-se do pânico para uma melhora. A discussão agora é saber qual é o tamanho, a força da recuperação", resume o estrategista-chefe do banco de investimentos WestLB no Brasil, Roberto Padovani. "A crise sistêmica era um problema agudo, mas já está superado. Há uma crença de que os bancos são solventes. Agora resta saber o quanto a capacidade deles de conceder crédito foi atingida."

O Deutsche Bank, o maior do país, estimava uma contração da economia em 6% em 2009. Em agosto, revisou a cifra para 5,2%. Também melhorou a previsão de crescimento em 2010, de 0,4% para 1,4%, pouco superior ao patamar

de 1% em 2008. A melhora nas expectativas se dá em função do pequeno avanço da economia do país no segundo trimestre, de 0,3%.

"A crise já pode ter passado, ou ao menos não vai piorar", comemora Bodo Liesenfeld, presidente da Associação Empresarial para a América Latina. "Os setores mais afetados nos últimos 12 meses são os que mais exportam, como a indústria de máquinas, uma das maiores da Alemanha. Entretanto, no mercado interno, houve apenas um pequeno declínio no consumo de produtos e serviços." Segundo ele, as exportações para a América Latina foram menos prejudicadas em função do menor impacto da crise em diferentes mercados da região.

Entre os desafios que se colocam para a Alemanha no novo governo formado por uma coalizão entre CDU/CSU (União Democrata Cristã/União Social Cristã), de centro-direita, e FDP (Partido Liberal Democrata), de direita, está a necessidade de uma reforma tributária para incentivar a criação de novos postos de trabalho, diz Weber Porto. Uma sondagem recente mostra que o grande receio dos alemães continua a ser o desemprego. Previsões pessimistas contam com uma desocupação de 12% (cinco milhões de pessoas) em 2010, um aumento de quatro pontos percentuais em relação à taxa atual, quando chegarem ao fim os subsídios às empresas que reduziram as horas de trabalho para não demitir.

Reeleita, a chanceler Angela Merkel afirmou que não pretende reeditar as medidas de apoio à compra de carros novos e à prorrogação da redução da jornada de trabalho. Para as associações empresariais, é preciso esgotar todas as possibilidades de redução de impostos e que o Estado recupere sua estabilidade financeira. O setor privado também pede flexibilização do mercado de trabalho, afrouxamento das leis que garantem segurança no emprego e fomento a contratos trabalhistas temporários. De acordo com Merkel, serão adotados programas de crédito do

ALEMANHA HOJE

banco estatal de desenvolvimento (KfW) e ampliação das garantias estatais de exportação.

A reunificação alemã, que em outubro completou 19 anos, continua a desafiar as contas públicas. A modernização e a integração da economia da parte oriental do país - onde o desemprego chega a 30% em alguns municípios - continuam a ser um processo oneroso de longo prazo, com transferências anuais da parte ocidental em torno de €80 bilhões.

Diz-se que os alemães estão reunidos, mas não unificados. Desemprego, baixos salários e desânimo marcam a ex-Alemanha comunista. Numa enquete realizada em junho de 2008, perguntou-se aos alemães orientais o que esperavam da chanceler Angela Merkel. A resposta foi: mais postos de trabalho, salários e aposentadorias iguais aos do Oeste.

O economista Hartwig Blum, que dirige o Instituto de Pesquisa Econômica de Halle, diz que existe uma boa chance de o processo de equiparação estar encerrado em dez anos. Interessante é que a parte oriental da Alemanha foi menos atingida pela crise financeira

do que a região ocidental, porque abriga um maior número de pequenas e médias empresas, pouco dependentes de exportação.

A Alemanha é também um país que está ficando grisalho rapidamente. Isso, combinado com desemprego crônico, levou os gastos com seguridade social a exceder as contribuições. Nesse sentido, o governo Merkel iniciou reformas na previdência e aumentou a idade de aposentadoria de 65 para 67 anos a partir de 2012. Em 2050, haverá ao menos duas vezes mais pessoas com 60 anos do que recém-nascidos.

Em 2010, o déficit federal deverá atingir a cifra recorde de US\$ 126,5 bilhões. A dívida do setor público está por volta de 65% do PIB. Somando-se gastos com aposentadorias, saúde e outros esquemas, o déficit público implícito atinge 250% do PIB. Em 2020, a Alemanha perderá 2,4 milhões de trabalhadores, o que custará à economia mais de €1 trilhão, segundo a consultoria McKinsey. Esses desafios de geração pedem várias reformas ousadas, entre elas o estímulo para os casais terem mais filhos, melhora na educação e promoção da pesquisa.

Os 19 anos de reunificação mudaram a paisagem urbana de Berlim. A "reconstrução crítica" do centro da capital tornou-se uma das premissas urbanísticas da Alemanha reunificada. Muitos edifícios da antiga Alemanha comunista foram demolidos. O mais famoso foi o Palácio da República da extinta RDA, a moderna construção comunista que em 1950 ocupou o lugar das ruínas da residência de inverno de Frederico I, rei da Prússia. O projeto do novo Palácio de Berlim é de autoria do arquiteto italiano Francesco Stella, que venceu a concorrência. Ele recuperará o estilo das fachadas do século 18, no prédio que abrigará o centro de cultura, arte e ciência Humboldt-Forum, localizado em frente à Ilha dos Museus.

Com sua fachada de vidro espelhado, o Palácio da República, antiga "casa do povo" da Alemanha Oriental, abrigava restaurantes e um auditório para cinco mil espectadores. A demolição do edifício foi motivo de controvérsia por mais de uma década. Assim como a praça Alexanderplatz, o Palácio da República tornou-se não somente símbolo arquitetônico, mas também político.

DEUTSCHLAND HEUTE MARIA HELENA TACHINARDI

EXPORTORIENTIERTA WIRTSCHAFT IN DER KRISE

Über 47% des deutschen BIP wurden 2008 im Export erwirtschaftet

Früher hatte eine Rezession in Deutschland Auswirkungen auf Brasilien, weil die Rohstoffexporte zurückgingen. Heute ist Deutschland vom Wachstum der Schwellenländer abhängig, um Maschinen zu exportieren. Die globale Finanzkrise hat zu einem Paradigmenwechsel geführt. Die Schwellenländer erholen sich schneller als die Industrieländer. In Deutschland trägt die bessere Entwicklung in Brasilien und anderen Schwellenländern dazu bei, dass der Export, der von Juli 2008 bis Juli 2009 um 22,3% zurückging, jetzt wieder anzieht.

Die exportorientierte deutsche Wirtschaft - im Jahr 2008 wurden über 47% des BIP im Export erwirtschaftet, im Vergleich zu unter 20% in Japan und 13% in den USA - steckt in Schwierigkeiten. Aber es gibt keine Möglichkeit, den Binnenkonsum zu beleben, um die Abhängigkeit vom Export und damit die Anfälligkeit für internationale Krisen zu verringern.

Dieser Richtungswechsel würde Deutschland kaum gelingen. Der wichtigste komparative Vorteil Deutschlands liegt in der Produktion von technologieintensiven Gütern. Für solche Güter ist ein Markt mit nur 82 Mio. Verbrauchern zu klein, sie müssen auf dem Weltmarkt verkauft werden. Ein Kraftwerk, eins der wichtigsten Exportgüter

Deutschlands, wird kaum im Supermarkt verkauft. „Der deutsche Binnenmarkt ist relativ klein, deshalb muss viel exportiert werden. Die Herausforderung besteht darin, bei den technologieintensiven Gütern unter den Spitzenreitern zu bleiben“, erklärt Weber Porto, Präsident der Deutsch-Brasilianischen Industrie- und Handelskammer.

Im Jahr 2008 exportierte Deutschland Waren im Wert von fast US\$ 1,5 Billionen und importierte Waren im Wert von US\$ 1,23 Billionen. 2009 dürfte das Exportvolumen nach Schätzungen des Bundesverbandes des deutschen Groß- und Außenhandels (BGA) 18% niedriger liegen als im Vorjahr.

Angesichts der hohen Export- und Sparquote ist Deutschland mit China zu vergleichen. Im Ranking der weltweiten Exporteure kämpfen beide um Platz 1, und im August hat China Deutschland überholt. Aber auch die Zusammensetzung der Exporte muss analysiert werden, erklärt Porto: „Deutschland exportiert Technologie. China exportiert auch Produkte mit geringer Wertschöpfung.“

Das zweite Halbjahr fing gut an. „Die Panik ist vorbei, es ist eine Besserung zu spüren. Jetzt geht es darum, wie stark die Erholung

O Palácio de Berlim abrigará um espaço de encontros e exposições com teatro, lojas, cafés e restaurantes, nos moldes do antigo Palácio da República, e deverá funcionar como uma agora no centro da capital alemã. Para a construção do Fórum Humboldt, que deverá ser iniciada em 2010 e tem inauguração prevista para 2015, o Parlamento alemão aprovou um orçamento de €552 milhões.

Neste ano, a Alemanha também está comemorando os 60 anos da Bauhaus, escola alemã de arquitetura e design que marcou o século 20. Com a Bauhaus, seu primeiro diretor, o arquiteto alemão Walter Gropius, realizava seu sonho da "obra de arte total", mediante a união das artes e dos ofícios, isto é, da forma aliada à função.

Berlim é conhecida como a "metrópole das artes" e se tornou, nos últimos cinco anos, a preferida dos galeristas e artistas na Europa. Existem, na capital alemã, 350 galerias. A preferência por Berlim se explica por ser uma cidade atraente em função de acontecimentos sociais, políticos e artísticos.



Padovani, do WestLB: passada a pior fase da crise, é preciso saber a força da recuperação

ausfallen wird", fasst der Chefstrategie der WestLB in Brasilien, Roberto Padovani, zusammen. „Die systemische Krise war ein akutes Problem, aber sie ist bereits überwunden. Die Menschen sind von der Solvenz der Banken überzeugt. Jetzt bleibt die Frage, inwieweit die Kreditvergabekapazitäten betroffen sind.“

Die Deutsche Bank, das größte Kreditinstitut Deutschlands, erwartet für 2009 eine 5,2%ige Rezession und für 2010 ein Wirtschaftswachstum von 1,4%. Nachdem im dritten Quartal eine leichte Verbesserung und ein Wirtschaftswachstum von 0,3% verzeichnet werden konnten, waren die Prognosen nach oben korrigiert worden.

„Die Krise ist vielleicht schon vorbei; zumindest geht es jetzt nicht weiter abwärts“, so Bodo Liesenfeld, Präsident des Lateinamerika-vereins. „Am härtesten getroffen wurden in den letzten zwölf Monaten die Exportbranchen, also z.B. der Maschinenbau, einer der größten Exporteure in Deutschland. Auf dem Binnenmarkt ist der Konsum von Produkten und Dienstleistungen nur leicht zurückgegangen.“

Nach Ansicht von Weber Porto gehört zu den Herausforderungen, vor denen Deutschland unter der neuen Regierungskoalition aus CDU/CSU und FDP steht, eine Steuerreform, um neue Arbeitsplätze zu schaffen. Eine kürzlich durchgeführte Umfrage hat ergeben, dass die Arbeitslosigkeit die größte Sorge der Deutschen ist:

Die wiedergewählte Bundeskanzlerin Angela Merkel erklärte, es werde keine Neuaufgabe der Abwrackprämie und keine Verlängerung der Kurzarbeit geben. Die Unternehmensverbände halten es für notwendig, dass alle Möglichkeiten für Steuersenkungen ausgeschöpft werden und der Staat seine finanzielle Stabilität wiedergewinnt. Die Privatwirtschaft fordert außerdem eine Flexibilisierung des Arbeitsmarktes, eine Lockerung des Kündigungsschutzes und Erleichterungen bei befristeten Einstellungen. Merkel kündigte Kreditprogramme der staatlichen Förderbank KfW und den Ausbau der staatlichen Exportbürgschaften an.

Die Wiedervereinigung belastet den öffentlichen Haushalt noch heute. Die Modernisierung und die Integration der Wirtschaft in Ostdeutschland – wo die Arbeitslosigkeit in einigen Städten und Gemeinden bei bis zu 30% liegt – ist eine langwierige und kostspielige Aufgabe. Jährlich fließen etwa US\$ 80 Mrd. in den Osten.

Es heißt, die Deutschen seien vereint, aber nicht vereint: Arbeitslosigkeit, niedrige Löhne und Mutlosigkeit prägen den Osten. In einer Umfrage im Juni 2008 wurden die Ostdeutschen gefragt, was sie sich von Bundeskanzlerin Merkel wünschten. Die Antwort: mehr Arbeitsplätze und eine Ost-West-Angleichung der Löhne und Renten.